

Governo brasileiro define o tipo de escalonamento com os credores

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O tipo de escalonamento (phase-in) na implementação do acordo com os bancos comerciais sobre a dívida externa que o Brasil considera aceitável foi definido na sexta-feira, em Nova York, pelo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. É um escalonamento limitado ao ritmo de desembolsos brasileiros, em relação "a um acordo pré-definido".

Ele acrescentou que isso é necessário para deixar claro que "o acordo já está concluído" e não depende de futuros desenvolvimentos, como "a obtenção de um programa estendido com o Fundo Monetário Internacional (FMI), a evolução das reservas do País em moeda estrangeira ou de dinheiro do Japão".

De acordo com a sua definição, ficaria estabelecido um custo que o Brasil teria de pagar para as garantias colaterais de dois dos seis instrumentos em exame na renegociação, Par e Discount Bond (bônus par e de desconto), de acordo com as escolhas dos bancos. É estabelecido um cronograma de desembolsos do País para adquirir as garantias (bônus de cupom zero do Tesouro dos EUA) e lançar os novos bônus.

O ministro acrescentou que o chefe da equipe de renegociação da dívida, Pe-

dro Malan, passa a próxima semana em Brasília estudando com os técnicos as implicações da última proposta dos bancos, inclusive o escalonamento dos desembolsos e "sua viabilidade jurídica e financeira". Uma resposta definitiva será dada na semana seguinte, quando recomeçam as conversas em Nova York.

Marcílio explicou que o volume de desembolsos que o País fará na compra de garantias "é objeto da negociação", mas admitiu que poderá ser "um pouco mais" que os US\$ 2 bilhões inicialmente oferecidos aos bancos. Acrescentou que de início os bancos pediram muito dinheiro, mas "agora estão mais comedidos".

"A distância (entre o Brasil e os bancos) ficou menor", acrescentou. Os bancos pediram no começo dezoito meses de garantias para o pagamento dos juros, exemplificou. Diminuíram o montante para quinze meses, mas aceitariam doze meses, e "talvez mesmo nove meses", arriscou. Se a taxa de juros diminuir nas negociações que se seguem, o custo das garantias para o País será menor, argumenta.

O mesmo acontece se o desconto no principal da dívida for menor. O ministro ponderou aqui com a hipótese de um desconto de 37,5% como o pedido pelo Brasil. Isso significa que o custo da garantia seria me-



Marcílio Marques
Moreira

nor porque calculado sobre 62,5% e não mais sobre os 100% do valor antigo da dívida.

Ele confirmou uma informação, já antecipada por este jornal, de que os bancos, inicialmente desejando 25 anos de prazo para o Discount Bond, agora aceitaram os 30 anos propostos pelo País. Marcílio riu, visivelmente satisfeito, quando lhe perguntaram se o desconto final será de 35%, o número a meio caminho entre as duas propostas.

O ministro insistiu, porém, que o custo final desse acordo para o País dependerá da escolha que os bancos façam entre os seis instrumentos propostos, "mais opções do que em qualquer Plano Brady an-

terior". Disse que apenas dois dos seis papéis são instrumentos típicos do Plano Brady (Par e Discount Bonds), com troca de garantias por descontos. E notou que o Brasil está oferecendo atrações significativas para os bancos em relação aos outros quatro instrumentos.

"Ninguém acredita que, dispondo de seis alternativas, todos os bancos escolham apenas os dois com garantias", disse ele. No caso do México, acrescentou, apenas "dois ou três bancos, mais os bancos mexicanos no exterior, entram com dinheiro novo", mas o Brasil tornou o bônus com essa opção bem mais atraente.

O ministro também falou sobre outros temas. Disse que o reajuste de tarifas aconteceu abaixo do índice de inflação anterior e observou que esse critério continuará sendo aplicado até que a inflação ceda. Anunciou uma meta de inflação ao nível de 21% para este mês. E disse que estuda no momento meios de captação de recursos para duas das três grandes empresas aéreas do País.

Marcílio não mencionou os nomes da VASP e da Transbrasil. Mas dado que a Varig acaba de fazer uma captação (securitizada ou garantida pela venda futura de passagens em dólar), fica óbvio que tratava dessas duas companhias.